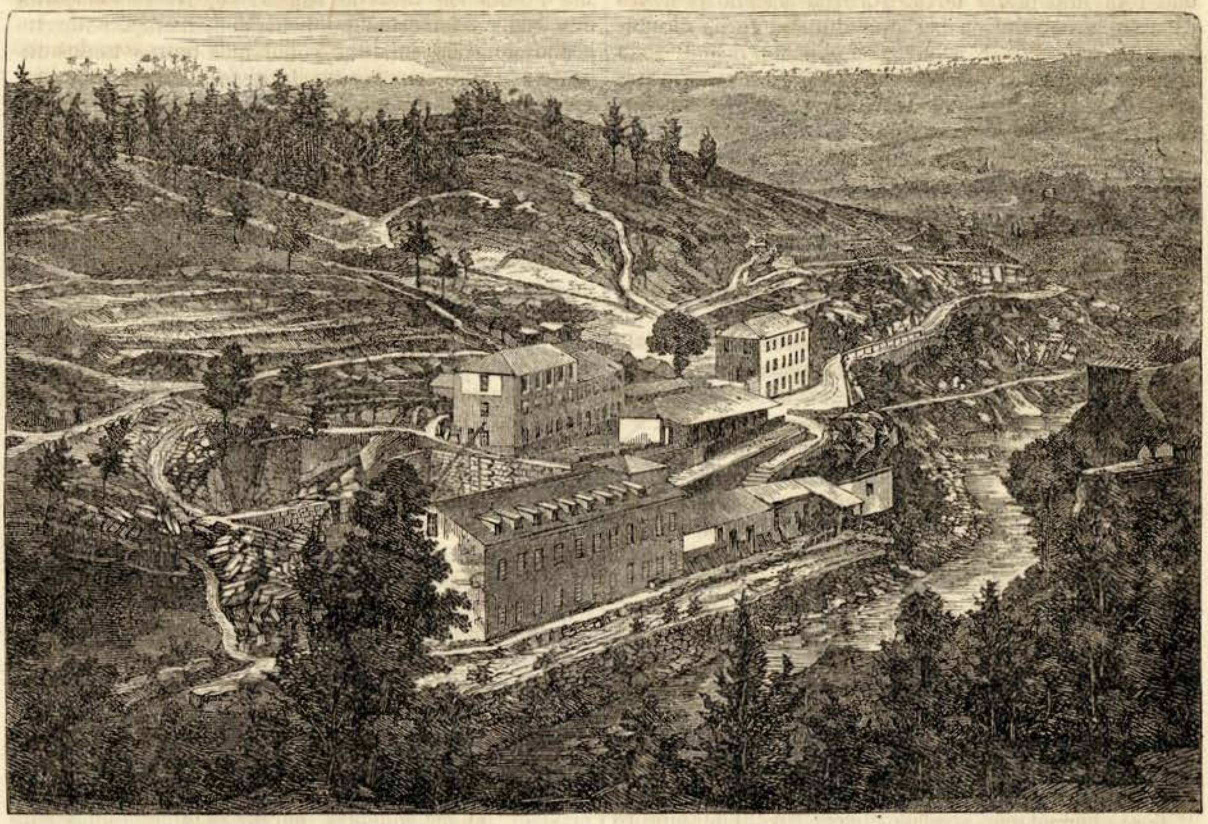


Fabrica de lanificios de Pedornello

A uns sete kilometros da villa de Amarante, para o norte, está o logar de Pedornello, pequena povoação com uma egreja parochial da invocação de Santo André.

Situada perto da fronteira de Traz-os-Montes, n'essa parte do paiz até ha pouco tão descurada dos poderes publicos; escondida entre os montes que apertam o estreito valle por onde corre a ribeira de Ruy Mendes, confluente do Tamega, onde desagua perto d'ahi, esta pobre aldeia existia com pouca vida, e quasi ignorada, quando veiu o principio da associação, pelos annos de 1859, estender-lhe a mão, dando-lhe alento e impulso, e fazendo conhecido o seu humilde nome entre as terras industriosas de Portugal.

Foi por aquelles annos que uma sociedade, composta de tres ou quatro socios, sob a firma commercial de Garcia Ribeiro & C.ª, fundou proximo da aldeia de Pedornello, ou, como os nossos antigos lhe chamavam, Padornello, uma grande fabrica de lanificios, cujo unico ou principal motor, segundo cremos, é a agua da ribeira de Ruy Mendes.

N'este periodo de quasi seis annos da sua existencia tem tido esta fabrica muito desenvolvimento. Emprega crescido numero de braços, e os seus productos tem attingido bastante aperfeiçoamento, sobre tudo os pannos grossos, que já são superiores aos de alguns outros estabelecimentos fabris que mais se tem aperfeiçoado em o nosso paiz n'este genero de productos. Com mais alguns esforços não tardarão a rivalisar com os melhores pannos hespanhoes.

O edificio da fabrica foi construido expressamente para este fim, tendo, além da parte principal, varios corpos accessorios. Está situado na raiz de um monte, junto á margem do Ruy Mendes. Este rio traz corrente volumosa e apressada pelo declive do seu alvéo, que é pedregoso, e pelos muitos saltos que dá. As suas margens offerecem á vista mui lindas paizagens, principalmente a que a nossa gravura representa, a qual é cópia de uma photographia da bella collecção do sr. Seabra.

I. de Vilhena Barbosa.

D. FR. CAETANO BRANDÃO

ARCEBISPO DE BRAGA

(Vid. pag. 114)

IV

Não eram ainda bem decorridos seis annos, depois que o venerando prelado, então prestes a entrar no quinquagesimo de edade, dirigia com tal acerto e solicitude os negocios da egreja, entregue aos seus cuidados apostolicos, quando pela charrua *Aguia*, aportada ao Pará em 25 de junho de 1789, lhe chegavam da corte noticias que estava bem longe de esperar.

Vagára no reino, por morte de D. Gaspar, filho bastardo de D. João v, a cadeira metropolitana da cidade de Braga, e era mister provêl-a em sujeito idoneo. A fama dos exemplares procedimentos do bispo do Pará tornára-se de sobejo notoria e mui conhecida da rainha, para que o seu nome ficasse esquecido n'esta occasião. Por bem merecida preferencia foi elle julgado o mais digno de succeder em um cargo que durante meio seculo havia sido successivamente occupado por dois filhos de reis, e n'essa conformidade mandou a soberana passar-lhe a nomeação em 28 de abril de 1789. A embarcação, pela qual se lhe com-

municava o aviso, era a mesma que devia transportal-o, sem mais demora que a dos aprestos necessarios para a viagem.

Attonito e sobresaltado ouviu D. Fr. Caetano Brandão esta impensada nova. Tornado a si do primeiro espanto, e entrando a pesar maduramente as circunstancias em que se achava, mal podia decidir-se a acceitar a nova collocação que se lhe offerecia. Tratava-se nada menos que de voltar para a patria, trocando uma diocese pobrissima e cheia de incommodos por outra incomparavelmente mais pingue, e de maior graduação na hierarchia ecclesiastica; porém essas considerações, e as do maior serviço que em Braga podia prestar a Deus e á egreja, eram contrabalançadas pelos damnos que experimentaria a antiga diocese, cortando-se-lhe como em flor os novos estabelecimentos por elle começados, e que difficultosamente se promoveriam na sua ausencia; e a isto accresciam os escrupulos da consciencia, sabendo o muito que foram sempre reprovadas pelos canones estas translações do episcopado.

Finalmente, depois de longa hesitação, determinou-se a partir, se não com a resolução definitiva de acceitar, com o intento de vir agradecer á soberana a mercê que lhe fizera, e expor-lhe os motivos da sua justa recusa. Tendo providenciado convenientemente em tudo o que dizia respeito ao governo e administração espiritual do bispado durante a sua ausencia, despediu-se dos seus diocesanos, e entrou a bordo da charrua em 9 de agosto, acompanhado do governador do estado e mais funccionarios de todas as classes, por entre as ondas de povo, que no transito se apinhára para manifestar, com lagrimas e gemidos saudosos, a magoada tristeza em que os deixava o apartamento de tão insigne bemfeitor.

Desembarcado no caes de Belem em 20 de outubro seguinte, o nomeado arcebispo, cumpridos os primeiros deveres que lhe impunham o agradecimento e a cortezia, não tardou em expor pessoalmente á rainha os conscienciosos escrupulos com que em sua profunda humildade procurava escusar-se do novo ministerio que se lhe destinára; porém foram julgados improcedentes, e teve de ceder á insistencia da soberana. Cuidou, portanto, de apressar o processo de sua confirmação solicitando em Roma as bullas respectivas, que, todavia, só chegaram a ser-lhe expedidas com o pallio em principios de junho de 1790.

O intervallo que mediou até esse tempo, e depois até á sua partida para Braga, foi não tanto occupado em responder a milhares de cartas congratulatorias, que de toda a parte affluiam a dar-lhe parabens, ou a rogar-lhe o auxilio de suas luzes e conselhos, quanto repartido pelos assumptos que mais requeriam a sua attenção, zelosa em promover os interesses da egreja para que estava eleito, sem esquecer os d'aquella que deixava com saudade, e de que só podia desligal-o a confirmação pontificia da translação. Por uma e outra dividia egualmente os seus pastoraes cuidados.

Havidas, em fim, as bullas, teve ainda de demorar-se na corte, bem contra seu desejo, para obter a solução de alguns negocios pendentes, até poder sair d'ella a 16 de agosto com destino para Braga. Depois de uma detença de quinze ou vinte dias no logar do seu nascimento, para ahi receber as felicitações jubilosas, não só de seus patricios, que anciosos o esperavam, mas dos povos convisinhos, que, attrahidos pela fama de suas virtudes, corriam á porfia a vêl-o e a procurar as suas bençãos, proseguiu a jornada até ao Porto, e de lá para Braga, onde entrou a 17 de setembro.

A sua recepção foi solemne e apparatosa em summo grau; sêl-o-hia ainda mais, se o modesto prelado, inimigo declarado do fasto e pompas mundanas, não tivesse feito constar de antemão quanto ellas lhe desagradavam, e o muito que desejára vêl-as convertidas em supplicas e esmolas pelo feliz exito da sua administração! Longa seria a narrativa das festas e applausos que então se lhe prodigalisaram, e ás quaes a sua humildade teve de sujeitar-se, recebendo cortez e agradecido n'estas publicas demonstrações do regozijo de seus subditos como que outros tantos incentivos, para não perder de vista a crescente e gravissima responsabilidade que sobre elle pesava, acceitando por obediencia tão pesado encargo.

Desconfiado como era de si proprio, sentia mais que nunca ser-lhe necessario appellar para o auxilio divino. Só a confiança em Deus o faria não desanimar, entrando no regimen e direcção de uma vastissima diocese, cujos limites abrangiam pouco menos de duas provincias inteiras, e que no seu ambito comprehendia mil e trezentas parochias, com vinte e cinco mil ecclesiasticos!!!

Antes de passarmos á recopilação summaria, sequer, de algumas entre as muitas acções que illustraram o seu governo, durante os quinze annos que na cadeira primaz foi norma e exemplo vivo de prelados catholicos, e que lhe asseguraram depois da morte gloria e veneração perduravel nos fastos do episcopado portuguez, não omittiremos o quadro edificante, embora minucioso, da sua vida particular no alludido periodo; quadro traçado com ingenua simplicidade, logo após o seu fallecimento, pela mão de testimunha que tudo presenciára desde antigos tempos, e que, por auctorisada e domestica, merece, ao que se affirma, inteiro credito. Eis, pois, a relação, tal qual a encontrámos transcripta fielmente nas *Memorias* do prelado:

«Principiou logo s. exc. a regular a sua casa e familia; prohibindo a esta que acceitassem requerimentos de pessoa alguma, e que nenhum lhe fallasse em negocio, ou dependencia de outrem. Quotidianamente se levantava da cama pelas cinco horas da manhã, para ir ao exercicio da oração mental com a sua familia; e pelo tempo de verão se levantava ainda mais cedo; feita a oração, se dispunha para dizer missa, ou ouvil-a; depois se recolhia ao seu aposento a estudar ou escrever, tomando antes alguma chavana de chá. Sendo horas, passava para a secretaria a despachar os requerimentos das partes, com assistencia do desembargador Francisco José de Sousa Lima, ministro de virtude e rectidão incorruptivel (do qual sempre se serviu até ao fim da sua vida, ainda mesmo sendo vigario geral, e ultimamente provisor). Findo o despacho, voltava ao seu quarto a rezar as horas menores com muita pausa e devoção; ao meio dia dava audiencia a todas as pessoas que o procuravam, a qual durava quasi até uma hora da tarde; recolhendo-se então ao seu quarto por alguns momentos, se encaminhava ao tinello a jantar com sua familia, e um pobre á sua mão direita; a sua mesa foi sempre frugal e sem viandas exquisitas, a mesma que no Pará [1]. Concluido o jantar, se demorava a fallar com sua familia por espaço de meia hora até tres quartos; logo se encaminhava para o côro da capella a fazer oração ao Sacramento; e depois para o seu quarto, onde passava pelo somno assentado n'uma cadeira. Sendo horas competentes, rezava vesperas e completas de joelhos; e do mesmo modo rezava á noite, sempre de joelhos.

«Se de tarde saía fóra, descia á cêrca do paço, onde dava alguns passeios, ou ia ver os seminarios, que ficavam juntos á mesma cêrca; antes de anoitecer voltava para o paço, e se dirigia á capella, onde fazia oração ao Santissimo; e logo dava audiencia aos que o procuravam, para lhe expor os seus requerimentos e dependencias. Finda a audiencia, passava para o seu quarto; e se não tinha rezado matinas e

[1] Não passava de sopa, vacca, arroz, algum prato de meio da mesma vacca, fruta e queijo.

laudes de tarde, se punha logo a rezal-as de joelhos; concluida a reza, e descançando um breve espaço, se punha á banca a ler ou estudar até dez horas; tomava então uma leve collação, que de ordinario era um caldo ou hervas; e a esta hora conversava commigo e algum capellão; dando onze horas nos retiravamos; e s. exc. rezava a corôa de Nossa Senhora; e passando para a capella, fazia oração ao Santissimo, e depois se recolhia para se deitar. Eis-aqui o seu teor de vida quotidiano, o qual nunca alterou estando em Braga, e com saude [1].»

(Continua) INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

BIBLIOTHECAS POPULARES

(Conclusão. Vid. pag. 124)

II

Vejâmos, pois, de que maneira poderá o governo propagar o gôsto da leitura, e conseguir que o povo não desperdice a instrucção adquirida, conservando-a como um simples objecto de luxo, e não se servindo do ler e do escrever senão para soletrar ás tardes alguma traducção mascavada, e fazer, com muita despeza de tinta, a correspondencia de toda a familia.

Deve primeiro q̃ue tudo compenetrar-se bem d'esta idéa. Em Portugal, pelo menos por ora, não póde contar com a utilissima cooperação do clero. O nosso parocho de aldeia diz aos domingos a sua missa, mas apenas, ao entrar na sacristia, despiu os paramentos sacerdotaes, entendeu que terminaram ahi os seus deveres, e que póde folgar á vontade, em companhia das suas ovelhas, esquecendo-se completamente das obrigações de quem as pastoreia. Nem uma pratica na egreja depois da missa, nem uma eschola para adultos no presbyterio, nem um bom conselho, nem um incitamento. Exclusivamente occupado das intrigas e das puerilidades da sacristia, pensando no esplendor das festas, nas luctas da irmandade, nas ambições do sineiro, fascinando nas festividades dos santos os seus parochianos, com os trovões da sua voz e com a sua erudição milagreira, subindo, se o acaso fez d'elle homem de polpa e lhe doou transcendente genio, até invectivar a impiedade do seculo, e lastimar os perigos a que se vê exposto o Padre Santo no meio d'essa turba de hereges, que tem por chefe Victor Manuel, nem um ensinamento, nem uma idéa proveitosa colhem os parochianos das suas prédicas e do seu trato, e, depois da missa e depois do sermão, dirigem-se tranquillamente para a taverna, ou ficam ociosos no adro, descançando, como Deus ao setimo dia, das fadigas da semana. Haverá brilhantes excepções na classe dos parochos portuguezes do campo, mas é este o typo geral.

Proferi ha pouco a palavra *taverna*, e puz o dedo, portanto, na ulcera incuravel da civilisação; apontei a terrivel e vencedora inimiga do progresso e das luzes. A taverna é o escolho onde naufragam todas as tentativas civilisadoras, é o baluarte das trévas, é o castello roqueiro onde o moderno feudalismo desfralda ao vento os seus pendões. Alli se forjam as cadeias que acorrentam ao capitalista o moderno servo da gleba que se chama proletario, alli abdica o povo a sua soberania nas mãos de meia duzia de ambiciosos, alli abdica o homem a sua dignidade. Vêde esses antros escuros que existem pelas ruas da capital, onde sôam risadas ignobeis, onde se ouvem canções obscenas, d'onde saem uns vultos oscillantes de que desviaes os olhos com repugnancia, pensando que são aquelles os vossos irmãos, que esses homens tem intelligencia e alma, que dentro d'aquella mente, toldada pelos fumos do vinho, existe, como na vossa, a lampada immortal do espirito; vêde esses antros immundos, sacudi este véo de despreoccupação que o habito nos dá, e fitae com olhos de philosopho essas casas por defronte de cujas portas a cada instante passaes sem fazerdes reparo, tal é a influencia do costume, e dizei-me o que se vos depara, dizei-me quaes são as reflexões que vos invadem a alma?

Aqui amontoa-se, direis vós, esse povo, por cujos direitos pugnâmos, cuja dignidade defendemos, cuja liberdade reclamâmos. E esses direitos, pelos quaes nossos paes derramaram o seu sangue, os direitos da intervenção no governo e da eleição de representantes que em seu nome legislem, esses direitos são aqui vendidos a cada passo a troco de uma canada de vinho, como Esaú outr'ora vendeu por um prato de lentilhas o seu direito de primogenitura. Mas estes miseros Esaús ignoram o inestimavel preço do que vendem: ninguem lh'o diz, ninguem lh'o ensina, e a taverna continúa a absorvel-os, a desmoralisal-os, a brutalisal-os. A dignidade humana? Afoga-se aqui nas ondas espumosas do vinho que inunda os copos e as toalhas, quando não é tambem nas ondas de sangue. A razão, o symbolo mais nobre d'essa dignidade, apaga-se de todo, e o rei da creação rebaixa-se ao nivel do mais ignobil de seus vassallos. O gozo bruto e material campeia infrene aqui, e abafa os instinctos do gozo fino e intellectual, que talvez existam por baixo da triplice camada grosseira do caracter popular. A liberdade? Ha liberdade para o eterno proletario? para o homem que nunca se aproveitará do caminho a todos aberto pelas novas instituições áquelle que trabalha e lucta? E não será o frequentador da taverna proletario eterno? Não se engolpham alli as suas economias, que lhe podiam grangear um pequeno capital, o seu tempo que podia grangear ainda outro capital não menos rendoso, o cabedal da instrucção? Não se perde alli toda a esperança de se desaferrar da miseria e das trévas?

Ahi temos, pois, o terrivel adversario com que a illustração tem de luctar. Pugnam a seu favor o habito, o exemplo que uns aos outros dão os homens da mesma classe, a ociosidade do domingo, que ninguem pensa em lhe empregar agradavel e utilmente, e além d'isso as diabolicas tentações da embriaguez, que é para o homem do povo o supremo gozo, a suprema delicia.

Pois bem, levante-se a luva, e acceitemos o combate. Frente a frente, colloquem-se os dois adversarios, a luz e a noite, a aguia e o mocho, a moralidade e a devassidão, a intelligencia e a ignorancia. Fronteira á taverna, onde se aninham as torpes tentações, a brutalisação, a embriaguez, o ocio e o desperdicio, erga-se a modesta casinha da eschola com a sua pequenina bibliotheca, com a sua attracção suavissima, a eschola meiga auxiliar da familia, a eschola promettedora dos gozos fagueiros do lar domestico. A noite, a leitura em torno da mesa, onde campeia uma garrafa de bom vinho que se transformou, com a impassibilidade dos objectos inanimados, de motivo de infortunio em elemento de felicidade! o conhecimento de novos prazeres mais nobres, mais elevados, mais risonhos e mais dignos do homem, do ente cuja fronte Deus illuminou com o raio mais puro da sua corôa divina — a intelligencia.

Oh! criem-se as bibliothecas escholares, dêem-se ao mestre-eschola, esse missionario da civilisação, armas com que possa espancar a ignorancia, combater o prestigio do pagode infame que se chama taverna, e verão como todos os escriptores mais notaveis cor-

[1] Quanto ao luxo e ornato do seu palacio, elle mesmo escreveu a pessoa de sua amizade poucos dias depois da sua entrada em Braga: «Despi o paço, que é um dos mais soberbos edificios do reino, e estava magnificamente aceiado. Alli tem as egrejas um bom numero de cortinas e outros ornamentos! Fica aos ratos uma grande parte d'este vasto edificio, em quanto não ponho em execução as idéas que revolvo.»

rem á uma a pôr o seu talento ao serviço da grande causa da civilisação, verão como os Castilhos, os Herculanos, os Mendes Leaes, os Rebellos, os Latinos, desdenham os loiros que lhes podem provir de mais uma esplendida manifestação do seu talento, e se empenham em conquistar a gloria pouco ruidosa, mas consoladora, mas pura, de condimentarem o pão do espirito por tal fórma, que o grosseiro paladar do povo possa saboreal-o, de distribuirem a luz da intelligencia de maneira que não vá ferir essas retinas ha tanto tempo costumadas ás trévas, de tornarem, em fim, accessiveis a essas pobres intelligencias os conhecimentos humanos, de lhes fallarem uma linguagem que elles entendam, de fazerem vibrar a corda que lhes é mais sensivel, de os commoverem, em fim, contando-lhes as suas proprias angustias, os seus proprios sentimentos, as suas proprias alegrias.

É isto o que falta não só em Portugal, mas tambem na Europa, uma litteratura verdadeiramente popular, adequada aos nenhuns conhecimentos da gente que a deve ler, e que, commovendo-a, lhe insinue ao mesmo tempo alguns principios de uma tal ou qual instrucção. Aspira a *Genoveva* de Lamartine a ser o prototypo d'esse genero de litteratura, e, sendo com effeito uma bellissima obra, não é ainda assim o verdadeiro romance popular. A linguagem ainda é, talvez, em alguns pontos, demasiadamente colorida; o grande poeta francez não se póde resolver a arrancar da fronte a sua formosa coroa de estilista; desceu até ao povo, mas conservou as suas maneiras aristocraticas; apertou a mão callosa do operario, mas apertou-a sem descalçar a luva branca.

Apesar de tudo isso, a *Genoveva* de Lamartine é já um bellissimo livro; e talvez mesmo isto que mencionei como defeito o não seja em França, porque o povo francez gosta d'essa melodia de palavras, e deixa-se enlevar por um periodo sonoro, por uma phrase bem torneada. É talvez o povo em quem a palavra produz mais effeito. É conhecida por todos a influencia exercida pelo proprio auctor da *Genoveva*, por Affonso de Lamartine, nos dias ominosos da revolução de 1848, sobre o povo enfurecido. Quando as turbas ameaçavam irromper pelas escadas do *Hotel de Ville*, quando as ondas rugidoras da revolta inundavam a praça publica, se apparecia de subito o nobre vulto de Lamartine, os populares, que já sabiam quanto a sua voz sonora e doce sabia transformar a linguagem franceza em lyra sublime, cujas cordas fazia vibrar melodiosamente com o sopro da inspiração: *Chut*, diziam elles entre si, *allons entendre de la musique!*

Em Portugal ainda não está tão desenvolvido o gôsto pela linguagem colorida. É necessario, pois, que desçam ao nivel do seu intellecto, e que os impressionem com uma linguagem simples, fluente e poetica, sem ser demasiadamente elevada.

Munido de taes livros, munido principalmente de jornaes litterarios, que são as encyclopedias populares do nosso seculo, está o mestre eschola prompto para emprehender o temeroso combate. Empreste-os ás crianças, seus discipulos, que mostrem um certo gosto pela leitura. Elles que os levem e que os leiam á noite em voz alta. Não se imagina que doce influencia possue essa voz infantil sobre as intelligencias mais grosseiras, sobre os corações mais pervertidos. Insensivelmente o pae folgará de escutar aquellas palavras proferidas por seu filho, ufanar-se-ha vendo-o decifrar tão correntemente esses jeroglyphicos mysteriosos que lhe dançam diante dos olhos deslumbrados nas paginas immoveis do livro, e o demonio da taverna será vencido pelo anjo da infancia.

Bem sei — e acudo já com esta observação para que não me accusem de utopista, de poeta devaneador — bem sei que haverá entre cem um caso feliz. Mas só essa conquista merece todos os sacrificios, se sacrificios fossem necessarios; e depois, continuando com perseverança, talvez os nossos netos colham os saborosos fructos da arvore que plantaremos agora com tanto custo.

Tambem seria necessario multiplicar os premios nas escholas, e esses premios deviam consistir unicamente em livros. Já uma sociedade benemerita de portuguezes no Brasil, a sociedade Madrépora, tomou a iniciativa n'esse ponto. Espalharam-se centenares de exemplares do *Archivo Pittoresco* pelas escholas régias de Portugal, graças ao zêlo d'esses prestantissimos cidadãos, zêlo que, comtudo, se póde fatigar. Jornal destinado especialmente para esse fim, o *Archivo* está satisfazendo amplamente as condições requeridas. Os srs. Silva Tullio e Vilhena Barbosa esmeram-se em diffundir a instrucção, tornando-a agradavel e attrahente. O primeiro, ensinando as regras da boa linguagem com o preceito e com o exemplo, prompto sempre a resolver as dúvidas de quem se dirige a elle, encontra meio de fazer chistosas e amenas as suas observações grammaticaes, os seus conselhos de purista. O segundo, n'uma linguagem chã, sonora e agradavel, faz de todos conhecidas as coisas portuguezas, e nas suas bellas narrações historicas popularisa os grandes feitos que se encontram a granel nos gloriosos annaes da nossa patria.

Não ha dúvida, pois, que o *Archivo* ha de exercer uma grande influencia no gosto das novas gerações pela leitura, e, portanto, na instrucção do povo. Mas será perduravel essa influencia? Dependente esse grande beneficio de uma sociedade particular, animada, é certo, das melhores intenções, mas que de um instante para o outro póde ver-se obrigada a largar esse pesado encargo, ou porque uma crise commercial diminue os seus recursos, ou porque as innumeras obrigações que generosamente contrahiu façam com que tenha de se restringir, dependente, como dissemos, esse grande beneficio da liberalidade de particulares, póde falhar de-subito, e lá se perdeu o fructo de alguns annos de trabalho e despeza.

O governo, pois, deveria, vendo os grandes resultados d'essa idéa benefica da sociedade Madrépora, tomar a sua parte n'esses encargos, animar as publicações populares, e principalmente publicações illustradas, porque a gravura é um grande auxiliar da instrucção, e convida, fallando aos olhos, á leitura. Devia, pois, multiplicar esses livros na mão do mestre-eschola, formar-lhe uma pequena bibliotheca, incital-o a que tente brandamente inocular no povo o gosto de ler, senão todas as despezas feitas com a instrucção primaria, por mais que abundem as escholas, serão infelizmente inuteis e infructiferas.

M. Pinheiro Chagas.

SAINT NAZAIRE

MERCADO NOVO

A industria é a divisa do seculo em que vivemos. É a sua principal feição, e ao mesmo tempo o mais poderoso elemento dos progressos que o distinguem e illustram entre todos os seculos passados.

São, na verdade, admiraveis as transformações que a industria opéra presentemente na vida economica das nações, e na propria physionomia de qualquer terra que tem a felicidade de lhe sentir o impulso vivificador.

A cidade de *Saint Nazaire*, situada na costa da França, junto á foz do Loire, está offerecendo um exemplo bem singular da influencia e poder da industria. Ainda ha pouco tempo era uma pequena povoação, composta de mesquinha casaria, quasi uma aldeia desconhecida na propria França. Hoje apresenta

o aspecto de uma grande cidade em progressivo e rapido crescimento.

Abrem-se de contínuo novas ruas e praças, que se guarnecem, como por encanto, de casas nobres. Constroem-se bellos edificios publicos. Plantam-se lamedas e jardins. Multiplicam-se os estabelecimentos commerciaes, competindo uns com os outros em elegancia e riqueza. Augmenta, em fim, de dia para dia, no interior da cidade, o concurso do povo, e a circulação de carruagens e carros de toda a especie; e no porto, melhorado á custa de dispendiosos trabalhos, emprehendidos pelo estado, o movimento de navios de vela e de barcos movidos por vapor.

Este porto, em uma data ainda tão recente quasi sempre ermo, ou apenas povoado de embarcações costeiras, vê-se agora constantemente apinhado de navios de alto bordo, que ás vezes mal se podem accommodar em o espaço que d'antes se afigurava tão amplo. E a povoação, que muita gente julgaria outr'ora que nunca havia de passar de uma pobre terra de pescadores, acha-se actualmente uma bella cidade, e importante emporio commercial.

Uma tal metamorphose, que pela rapidez com que se effeituou se póde chamar verdadeiro milagre, foi devida á circunstancia de escolherem aquelle porto para ponto de partida de seus navios algumas companhias de navegação de barcos movidos por vapor.

D'esses novos laços que prenderam a França em intimas relações de commercio a tantas cidades importantes de outras nações, é que nasceu o poderoso impulso que deu á cidade de *Saint Nazaire* vida, animação, riqueza e formosura.

Entre os edificios publicos que actualmente adornam esta cidade figura o mercado coberto, cujo desenho apresentâmos aos nossos leitores. Foi edificado recentemente.

Attentando n'esta construcção simultaneamente esbelta, singela e commoda, é natural que nos lembremos com desprazer dos nossos mercados da Praça da Figueira e da Ribeira Nova.



Mercado novo de Saint Nazaire

É, sem duvida, muito para sentir que uma cidade como é Lisboa, já notavel entre as capitaes da Europa pela sua grandeza e magestoso aspecto, e que, pela amplidão do seu magnifico porto, e por sua vantajosissima situação geographica, está fadada para ser um dos grandes emporios commerciaes do globo, não tenha um mercado publico para abastecimento de seus moradores com as condições que hoje se requerem.

É uma vergonha para este paiz, certamente, que tantos estrangeiros que affluem sem cessar a Lisboa, e cujo numero augmenta de dia para dia, vão encontrar nos mercados da cidade provas evidentes do nosso atrazo, e, peior ainda do que isso, do nosso desleixo. Que contraste não offerecerão a seus olhos tanta riqueza de productos naturaes, e tal mesquinhez nas construcções destinadas para a sua exposição?

Que admiração não será a sua, vendo um centro de povoação tão grande, e em tão continuado contacto com as nações mais civilisadas, com dois mercados apenas, ambos descobertos, ou guarnecidos de barracas, desengraçadas e pesadissimas, achando-se o pescado, os fructos, as hortaliças e mais generos expostos pela maior parte ao sol abrazador do estio, ás nuvens de poeira que no verão toldam os ares tão amiudadas vezes, e ás chuvas do inverno!

Que idéa ficarão fazendo de nós se souberem que um d'esses mercados, o principal (Praça da Figueira), conserva a mesma fórma com que foi delineado logo depois do terremoto do 1.º de novembro de 1755; e que outro (Ribeira Nova) foi reedificado ha poucos annos desde os alicerces, e com bastante dispendio, segundo o mesmo systema e gôsto de construcção?

Se se attender a que a administração municipal é muito differente, como a do estado, da de uma casa particular, cuja existencia depende essencialmente dos encargos que sobre ella possam pesar; se ao mesmo tempo se considerar no desenvolvimento economico que está tendo Lisboa, e nas condições de engrandecimento e riqueza que lhe preparam em mui proximo futuro, e tambem a todo o reino, os caminhos de ferro, que já cortam Portugal em quasi todo o seu comprimento e largura; as boas estradas que vão ligando entre si as principaes povoações, e communicando com os portos de mar os grandes centros productores; e diversas carreiras de paquetes movidos a vapor, que nos collocam em faceis e breves relações di-

rectas com tantas praças commerciaes importantissimas da Europa e do Brasil; a affluencia de capitaes, e a creação de tantos estabelecimentos bancarios, coincidindo com as novas leis que devem dar ao credito publico bases solidas e seguras; se bem se apreciarem todas estas circunstancias promettedoras de prosperidade para esta capital, ha de se convir, forçosamente, que não ha razão alguma que possa desculpar a camara municipal de Lisboa da falta de iniciativa que tem tido, n'este como em outros assumptos de egual interesse publico.

No caso presente não póde uma camara allegar falta de meios para attenuar a sua incuria, offerecendo-se-lhe os recursos do credito publico em tantas condições auspiciosas para o futuro do paiz e da capital, e, por conseguinte, do proprio cofre do municipio.

Se as camaras de Lisboa se compenetrassem bem da alteza da sua missão, de todos os deveres do seu encargo, das justas exigencias da civilisação, das urgentes necessidades d'este grande municipio, e da opportunidade das circunstancias, teriam rompido por meio de todas as difficuldades até achar os recursos precisos para dotarem esta cidade, se não com todos os melhoramentos de que ha mister, pelo menos com aquelles cuja falta mais nos envergonham perante os estranhos que nos visitam. Teriam forçado os poderes publicos, ainda quando se mostrassem remissos ou renitentes, a secundarem a acção municipal.

A gravura que nos suscitou estas considerações é cópia de outra publicada pela *Illustração* franceza.

L. DE VILHENA BARBOSA.

O CASAL DA ENCOSTA

(Conclusão. Vid. pag. 126)

V

No dia seguinte, quando Pedro se ausentou, Rosinha, como acordando de um somno mau, disse para Henrique da Silva:

— Tenho um presentimento de que este homem nos ha de ser fatal; ainda bem que se foi; tomára nunca mais tornar a vêl-o.

— Valha-te Deus, criança! Pedro tem de facto uma organisação má, é capaz de tudo; agora, porém, que até certo ponto se vê perseguido, a não ser que um grande interesse ou um grande odio o provoquem, não ha receio de que pratique novos crimes.

— Um grande odio!... repetiu Rosa, suspendendo a voz e ficando pensativa.

— Imaginas que o tenha por ti? — disse Henrique sorrindo e afagando a filha.

— Não, meu pae, era outra coisa...

— Porque elle disse-te...

— Nada, nada, exclamou Rosa, assustada por ver que o velho militar se desprendêra de seus braços, saltando pallido, com os beiços crispados, e em attitude ameaçadora.

— Se eu soubesse que te tinha dito uma palavra offensiva, procurava-o e desfazia-o nas mãos.

— Não se altere, meu pae, Jesus! elle não me disse nada, nada.

— Olhou-te talvez...

— Tambem não. Tudo isto não passa de uma preoccupação do meu espirito; é por ouvir dizer que elle é muito mau.

E Rosinha, deitando os braços á roda do pescoço do pae, beijava-o carinhosamente.

Pela primeira vez na sua vida Rosa faltava á verdade a seu pae. Deus havia de abençoar a donzella por ser aquelle engano uma piedosa fraude.

Durante a ceia, os olhos de Pedro procuravam com tenacidade os olhos de Rosinha. A innocente menina baixava os seus, mas o clarão sinistro d'aquelle olhar como que lhe penetrava até ao intimo da alma.

No dia seguinte, depois do almoço, n'um momento em que ficou só com ella, Pedro disse-lhe com voz balbuciante:

— Tem-lhe dito que eu sou muito mau; talvez assim seja; o que lhe posso assegurar é que se tivesse o seu amor tornar-me-hia o melhor dos homens.

O tigre n'esse momento parecia um cordeiro, tão submissa era a sua expressão.

Rosa respondeu-lhe por um gesto de horror, e fugiu precipitadamente para o seu quarto.

VI

Decorreram alguns mezes. Fernando voltou de Coimbra com o seu curso completo.

O casamento devia ser na primavera.

A felicidade não tem historia. O tempo deslisava para os dois desposados sereno e encantado, como deslisam os dias festivos de abril sem que, desde a aurora até á noite, um cantinho do ceo appareça carregado.

E abril chegou finalmente com o seu cortejo de rosas, de verduras, de perfumes e de rouxinoes. Nos loireiros que ficavam ao lado da *casinha da encosta*, cantavam elles ao desafio desde o crepusculo até á madrugada, e os dois amantes, calados longas horas, julgavam escutar a historia do seu amor nas endeixas apaixonadas dos maravilhosos improvisadores.

O dia marcado para as bodas chegou.

A aldeia andava toda em alvoroço. Os sinos repicavam alegremente, e as cachopas e aldeões do logar, com os fatos domingueiros, esperavam em grupos no adro a chegada dos noivos.

O gracioso par, acompanhado pelos padrinhos, familia e alguns convidados, appareceu finalmente.

Rosa vinha simplesmente vestida; mas quem a visse não diria que a donzella fôra educada longe do contacto da alta civilisação, porque de instincto adivinhava ella o bello como succede a raras e privilegiadas creaturas.

Entrando na egreja, com passos trémulos, a virgem foi ajoelhar aos pés do altar, repetindo com o coração a prece mais fervorosa da sua vida. Á pallidez do lyrio succediam-se-lhe nas faces as ondas do rubor. O seio tumido batia alvoroçado, e nos olhos as lagrimas cristallinas rolavam, estremeciam á flor das palpebras, antes de cairem em perolas, como acontece aos orvalhos da madrugada que estremecem, conglobando-se na orla das pétalas, até cairem tambem como convertidos em diamantes.

Terminou a ceremonia. Henrique da Silva, chegando-se á filha, com o rosto alagado de pranto, disse-lhe:

— Que Deus te abençôe, minha filha!

Ella, apertando convulsivamente o braço de Fernando, respondeu:

— Sou feliz, meu pae!

Saíam a porta da egreja. Os grupos afastavam-se para dar passagem aos noivos, saudando-os e cobrindo-os ao mesmo tempo de folhas de rosas e de flores agrestes.

No principio do adro, sobre as escadas, estava um vulto.

Era Pedro.

Repentinamente Rosa soltou um grito cobrindo com o seu corpo o corpo do esposo. Ao mesmo tempo ouviu-se um tiro. Pedro, mettendo a clavinha á cara, tinha disparado sobre os recem-casados.

A bala, que ia direita a Fernando, bateu no peito de Rosa, que se entrepoz entre a clavina do assassino e o corpo idolatrado do marido.

A infeliz caiu redondamente no chão.

Henrique da Silva e Fernando precipitaram-se sobre ella. Pedro, cavalgando de um pulo na egua que tinha ao lado, desappareceu como um relampago.

O horroroso accidente deixára em suspenso todos os animos.

De tarde, Rosa vivia ainda. O padre que de manhã lhe havia lançado a benção nupcial estava alli subministrando-lhe os ultimos sacramentos.

Henrique da Silva, em pé, com os braços cruzados, livido, sem voz e sem movimento, cravava os olhos enxutos na filha expirante. Fernando, de joelhos ao pé da cama, com as mãos frias de Rosa entre as suas, soluçava constantemente.

O termo faltal estava por minutos.

Com supremo esforço a moribunda disse:

— Meu pae, Fernando. Jurem-me sobre a cruz de Nosso Senhor o que lhes pedi. Morrerei feliz se me derem esse juramento.

Rosa havia horas que implorava o perdão de seu assassino, e Henrique da Silva recusava-se a dal-o.

A desventurada proseguia com voz quasi extincta:

— Meu pae, meu pae! — e volvia os olhos para o crucifixo que o prior tinha nas mãos.

O padre disse:

— Façam o que esta santa lhes pede; ella está fallando pela boca do Redemptor.

E, ao mesmo tempo, o veneravel sacerdote apresentava aos dois a imagem do Crucificado.

Juraram ambos perdoar em nome d'ella.

Rosa quiz sorrir, e teve ainda força para dizer:

— O que se promette aos mortos é sagrado, morro feliz.

Foram as suas ultimas palavras.

Com os derradeiros clarões do sol soltou o extremo suspiro.

A lua erguia-se nas orlas do horisonte serena e melancolica. Nos loireiros proximos cantavam os mesmos rouxinoes que na vespera saudavam a noiva, e aquellas notas pareciam o preludio dos hymnos com que os anjos haviam de celebrar no ceo a entrada d'aquella que descia ao tumulo com a triplice coroa de esposa, de virgem e de martyr!

No dia seguinte, o prestito funebre saía para o cemiterio, que ficava n'um alto. Henrique, com espanto de todos, acompanhava a filha á sua ultima morada. Elle proprio lhe havia cerrado os olhos e cingido na fronte a coroa de flores de laranja, borrifada no sangue da victima, pura e immaculada como essas flores, symbolo da innocencia e virgindade.

Henrique da Silva não procurou mais ninguem, e ninguem mais se atreveu a procural-o a elle.

O velho soldado realista, como o pae de Magdalena no Amaury, esperava resignado que a morte viesse pôr termo ao martyrio da sua vida, dando-lhe o beijo da eterna paz!

Fernando dissera a seu pae e ao tio de S. Romão, que estava decidido a ordenar-se, e que a sua resolução era inabalavel. Não se atreveram os dois extremosos velhos a contrariarem a resolução do attribulado moço.

Com effeito, exactamente um anno depois do dia do seu casamento, dizia *missa nova* no mesmo altar onde recebêra a mão de Rosa.

Pouco depois a Providencia apiedou-se de Henrique da Silva. Um dia mandou elle chamar o sacerdote, e disse-lhe:

— Deus teve finalmente compaixão de mim. Vou morrer. Aqui tens o meu testamento. O pouco que tenho é teu; é mais um óbolo para os teus pobres.

O joven levita ouviu de confissão o velho moribundo, ministrou-lhe os extremos sacramentos, e sobre a tarde recebeu-lhe o ultimo suspiro.

Não estava ainda cumprida a sua dolorosa missão n'aquella casa. Segundo a ultima vontade de Henrique, devia ser elle quem o acompanhasse á sepultura, que ficava ao lado do tumulo de Rosa.

Fernando n'esse dia deixou Oliveirinha, para voltar alli uma vez todos os mezes.

Então o padre ia ao cemiterio orar e renovar as flores do jazigo onde dormiam abraçados aquelles dois entes, e sabe Deus se o desventurado não pedia em secreto á Providencia que lhe désse quanto antes tambem um logar ao pé d'elles!

Na continuação d'estas veridicas narrativas saberemos qual foi o destino de Pedro, e até onde chegava a abnegação do padre Fernando.

R. A. DE BULHÃO PATO.

O FOGO

(Vid. pag. 116)

II

ANALYSE DO FOGO

O fogo, dissemos nós, é a reunião do calor e da luz; e com effeito, sempre que se analysa o fogo, acha-se calor e luz; e todas as vezes que reunirmos calor e luz no mesmo phenomeno, produziremos fogo.

O calor e a luz podem existir sós ou quasi sós; mas então não constituem o fogo. Com effeito, se aproximarmos a mão de um vaso contendo agua fervente, sentiremos calor. A quantidade de calor que a agua fervente possue é enorme; assim, para elevar a temperatura do gelo á da agua fervente é preciso uma quantidade de calor egual á que seria necessaria para fundir egual peso de platina, metal que requer uma temperatura de 2000° para se fundir; entretanto, apesar do muito calor que possue a agua a ferver, não ha fogo porque não ha luz.

Da mesma maneira que ha calor sem luz, tambem ha luz sem calor apreciavel; por exemplo: a luz do luar é uma luz fria; é preciso empregar os instrumentos de physica os mais delicados para reconhecer a existencia de um fraquissimo calor no luar; a luz phosphorescente de um pequeno insecto denominado pyrilampo; a luz phosphorescente que ás vezes apresenta o Oceano, devida a animaes zoophitos, e que se denomina *ardentia;* a luz baça e phantastica que nos apresentam na obscuridade os traços feitos sobre um papel com um bocado de phosphoro; a luz das auroras boreaes, etc., são outros tantos casos de luz desacompanhada de calor sensivel, e, portanto, luz sem fogo.

A luz do sol, a luz electrica, a luz da combustão do phosphoro, do carvão, do enxofre, etc., são acompanhadas de calor, e, portanto, constituem o fogo; podêmos, porém, separar a luz do calor, e fazer, por consequencia, a analyse do fogo; tomemos por exemplo o fogo electrico, que é o fogo mais brilhante que nós podêmos produzir; e em primeiro logar digamos como elle se obtem. Por meio da *pilha* se póde produzir o fogo electrico, fogo tão brilhante e intenso, que só póde ser comparado ao do sol. A pilha electrica é invenção do genio de Volta, celebre physico italiano, natural de Cômo, que nos fins do seculo passado creou o ramo da physica que recebeu o nome de electro-dynamica, e que foi o ponto de partida das magnificas descobertas que, sobre os phenomenos electricos, o nosso seculo tem presenciado. A pilha tem soffrido muitas modificações desde Volta até hoje; o systema que actualmente se emprega quando se quer produzir a luz electrica é o imaginado por Bunsen, physico allemão, de Heidelberg.

A pilha de Bunsen consta de um certo numero de elementos, cada um dos quaes se compõe de: 1.° um vaso de vidro ou loiça vidrada; 2.° um cylindro ôco de zinco que se contém no vaso de loiça exterior;

3.° um vaso de barro poroso, que se introduz no cylindro de zinco; 4.° uma lamina de carvão calcinado, que se introduz dentro do vaso poroso; no vaso exterior deita-se agua com a decima parte em peso de acido sulphurico; e no vaso poroso deita-se acido azotico. Os elementos unem-se uns aos outros, ligando o carvão do primeiro ao zinco do segundo por meio de uma lamina de cobre pregada no zinco, e que se aperta de encontro ao carvão com um grampo de latão; do mesmo modo se liga o carvão do segundo ao zinco do terceiro, o carvão do terceiro ao zinco do quarto, e assim successivamente: ao zinco do primeiro elemento e ao carvão do ultimo fixam-se dois fios grossos de cobre, que se chamam *electrodos*.

A causa do desenvolvimento da electricidade na pilha é a acção chimica; assim, em cada elemento da pilha anterior, a agua decompõe-se em presença do acido sulphurico e do zinco; dos dois gazes de que se compõe a agua, o oxygeneo une-se ao zinco, e o hydrogeneo passa pelos poros do vaso de barro, e vae decompor o acido azotico; d'este duplo effeito resulta desenvolverem-se duas correntes electricas, cujas intensidades se juntam, dirigindo-se a electricidade positiva para o carvão, e a negativa para o zinco: por isso se diz que o polo positivo está no carvão e o negativo no zinco. Os effeitos das pilhas são tanto mais energicos quanto maior é o numero de elementos, e quanto maior é a sua grandeza. Se, disposta a pilha como acabâmos de dizer, terminarmos os electrodos por duas pontas de carvão calcinado, e aproximarmos estas uma da outra, veremos apparecer uma luz branca de um brilho deslumbrante, que podêmos produzir no ar ou debaixo de agua: é a luz electrica (fig. 3).



Fig. 3 — Luz electrica

O calor que acompanha a luz electrica é tal que, se nós collocarmos fragmentos de cobre, ferro, zinco, etc., sobre o carvão inferior, que então deve ter a forma de um cone ôco, veremos aquelles metaes fundirem-se e volatilisarem-se, córando diversamente aquelle fogo; assim, com o cobre obteremos traços de fogo verdes, com o ferro estrellas brancas e brilhantes, com o zinco traços azues, etc.

Os carvões entre os quaes se produz a luz electrica, ardendo, gastam-se; e, augmentando o intervallo, a luz deixa de apparecer; de modo que, quando se pretende que a luz electrica dure um certo tempo, é preciso fazer aproximar os carvões á medida que elles se vão gastando; o carvão correspondente ao polo positivo gasta-se proximamente o dobro do que se gasta o correspondente ao polo negativo, porque ha transporte de materia do polo positivo para o negativo pela corrente electrica. Um apparelho regulador faz aproximar os carvões convenientemente, mantendo sempre o mesmo intervallo entre elles, e conservando a luz sempre na mesma posição, podendo durar muitas horas, tantas quantas durarem as hastes de carvão entre as quaes se produz a luz.

Podêmos isolar no fogo electrico o calor ou a luz.

Para fazer a separação do calor e da luz no fogo electrico, colloca-se o regulador dentro de uma lanterna fechada, tendo uma abertura circular, cujo diametro se póde variar á vontade por meio de um diaphragma; a luz é collocada no foco de um espelho concavo que a lanterna tem interiormente, e que fica defronte da abertura; a luz e o calor que se reflectem no espelho formam um feixe parallelo que sae pela abertura do diaphragma; o fogo electrico sae da lampada atravessando uma lente de vidro, cuja posição se póde variar, de modo que o feixe de luz e calor que a atravessa se torne á vontade divergente ou convergente. Se collocarmos a lanterna de que acabâmos de fallar em uma casa escura, o feixe de luz electrica illuminará a poeira que encontrar no seu trajecto, e que se acha em suspensão na atmosphera, de modo que de todos os lados será visivel este feixe luminoso. Ora colloquemos no seu trajecto uma tina de vidro contendo uma dissolução de iode em sulphureto de carboneo (fig. 4); esta dissolução tem a propriedade de absorver a luz, mas não o calor; o resultado será, pois, que a luz ficando interceptada, desapparece o fogo, e só atravessa a dissolução, continuando o seu caminho, o feixe calorifico obscuro; e com effeito, colloquemos um pouco de algodão-polvora no espaço escuro onde convergem os raios calorificos adiante da tina contendo a dissolução do iode no sulphureto de carboneo; no fim de poucos segundos veremos o algodão-polvora inflammar-se, o que claramente mostra que o feixe de calor não foi interceptado como o feixe luminoso.

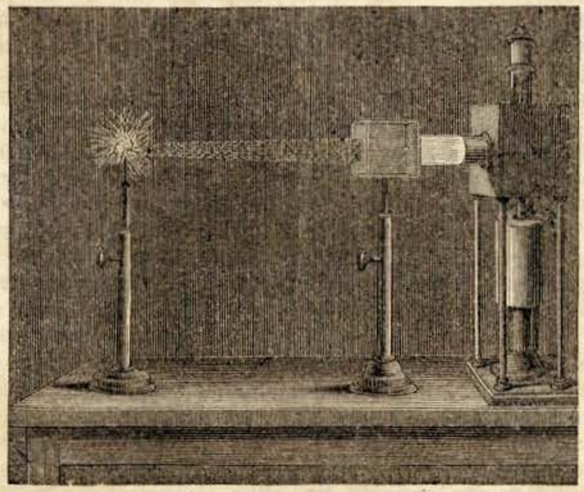


Fig. 4 — Separação da luz e do calor no fogo electrico

Esta magnifica experiencia foi feita pela primeira vez por Tyndall, em Londres, nas conferencias do instituto real, em fevereiro de 1865, no meio de estrondosos applausos.

Isolemos agora a luz no fogo electrico. Em logar da dissolução de iode no sulphureto de carboneo, colloquemos uma dissolução de alumen; a luz será apenas enfraquecida, mas o calor em grande parte será absorvido; o algodão-polvora já se não inflammará. O vidro espesso, o gelo, etc., são outros tantos corpos que, absorvendo mais o calor do que a luz, permittem despojar esta de grande parte do calor que a acompanha no fogo electrico. — Temos, pois, mostrado que no fogo se acham reunidos o calor e a luz, e que, isolando uma d'estas coisas, o fogo desapparece.

(Continua) FRANCISCO DA FONSECA BENEVIDES.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio